

DA CIRCUNSTÂNCIA BRASILEIRA DE *RESSURREIÇÃO*: BELA, RECATADA E DO LAR

Vagner Leite Rangel (UERJ)¹

Resumo: Velha roupa colorida é o título de uma canção de Belchior, mas poderia ser – numa chave de leitura irônica – o subtítulo de “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, da revista *Veja*; pois, apesar da roupagem contemporânea, tal figurino data de séculos, fazendo ressurgir justamente aquilo que o autor de *Ressurreição* apontava em 1872: o predomínio do machismo cordial. Nosso argumento baseia-se na hipótese de que a atualização do figurino romântico (bela, recatada e do lar) revela a modernidade do romance, claro: menos em relação à forma e mais em relação à matéria ficcional – a instituição do casamento como engodo, especialmente para as personagens femininas.

Palavras-chave: Brasil; Romantismo; Romance; Tradição; Machado de Assis.

Em 1936, ao publicar *Machado de Assis – estudo crítico e biográfico*, Lúcia Miguel Pereira (1946, p.216) registra a singularidade e atualidade das personagens da ficção de Machado de Assis:

As suas figuras são todas, sem exceção, tiradas da gente que aqui via. Da Matilde de *Ressurreição* a Carmo de *Memorial de Aires*, as velhas mães e esposas dos seus livros são as que conhecemos, têm o ar familiar das nossas avós e das nossas mães. Os seus políticos, os seus bilontras, os seus parasitas, os seus jornalistas, ainda hoje os encontramos. Só as moças não reconhecemos, porque estas modificaram muito, do tempo de Machado para o nosso, com o americanismo perturbando tudo.

Com exceção das personagens femininas, que estariam fora de moda, Pereira afirma que as demais personagens da ficção machadiana seriam nossas contemporâneas. Sendo assim, como explicar a atualização do figurino romântico, na fotografia abaixo?



¹ Graduado em Letras (UERJ), Especialista em Estudos Literários (UERJ), Mestre em Literatura Comparada (UERJ) e Doutorando na mesma universidade. Contato: vagner.rangel@gmail.com.



A figura da bela, recatada e do lar não é novidade alguma, porquanto os primeiros romances de Machado de Assis enfatizam tal condição feminina, mas a partir da metade do século 19, num Brasil imperial e um tanto esquizofrênico³. Assim, temos a seguinte galeria de personagens preocupadas com a paz doméstica: Raquel, Lívia e Clara de Ressurreição; Guiomar de *A mão e luva*; Helena de Helena e, por fim, Estela e Iaiá de Iaiá Garcia. Por isso afirmamos, com bases nos predicados da quase primeira dama, haver uma atualização do figurino romântico, pois aqueles predicados são a marca da personagem que respeita a moral e os bons costumes.

Se Lúcia afirma, em 1936, o caráter ultrapassado das personagens femininas de Machado, por causa da influência estadunidense, como entender, em 2017, o perfil da primeira dama? Não se almeja oferecer uma resposta definitiva, nem se cogita tal possibilidade, pretende-se, contudo, mostrar certa atualidade do primeiro romance de Machado, ao explorarmos a circunstância brasileira de Ressurreição, cujo título, aliás, é contemporâneo, pois foi preciso preterir outro perfil feminino – o perfil de Dilma Rousseff – desancando-o a torto e a direito, para que os predicados de bela, recatada e do lar pudessem ressurgir.

Da tragédia à farsa (I)

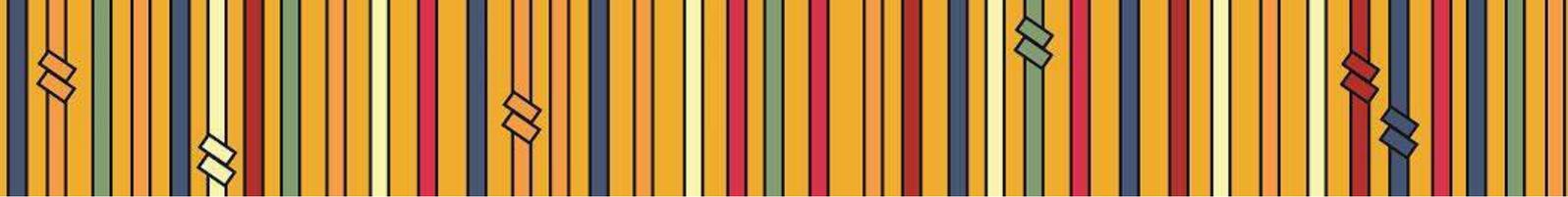
Toda releitura de um clássico é uma leitura de descobertas como a primeira.

Italo Calvino

A respeito da recorrência de acontecimentos históricos, vale a pena retornar aos clássicos. De *O 18 Brumário*, a seguinte lição de Karl Marx (2011, p. 25) é pertinente: “Hegel comenta que todos os grandes fatos e todos os grandes personagens da história mundial são encenados, por assim dizer, duas vezes. Ele se esqueceu de acrescentar: a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa”.

² Fonte: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>

³ Por esquizofrenia refiro-me às ideias fora do lugar, cuja análise de Roberto Schwarz (2000) esclarece a percepção machadiana acerca do problema da dependência da população, mas tal percepção não se torna matéria literária, de modo a produzir uma crítica franca, por causa daquela mesma dependência; no plano da ficção, critica-se sem desacatar a autoridade econômica, daí a importância da astúcia de personagens como Guiomar, por exemplo, em *A mão e a luva*. A propósito, este é o único romance da década de 1870 que não se emprega o termo paz doméstica, o que não significa ausência de preocupação de Guiomar em não desagradar a tia, pelo contrário; assim, a preocupação é eufemismo para não se perder as oportunidades reais. Do contrário, a saída seria o mundo real do trabalho – eis o casamento como negócio em que a personagem tem a oportunidade de se livrar da necessidade de trabalhar.



Sendo o Brasil parte insistentemente dependente daquele todo, tende-se a modernizar antigas tragédias, transformando-as em farsas contemporâneas. E uma delas aconteceu em abril de 2016 – durante intenso debate nacional sobre o impedimento da presidenta democraticamente eleita, Dilma Rousseff –, quando a revista *Veja* publicou aquela matéria.

Esboça-se, a princípio em “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, um elogio ao comportamento discreto de Marcela. Porém o primeiro parágrafo do texto não deixa dúvidas de que se trata daquele velho ditado: por trás de um grande homem, tem sempre uma grande mulher, mas recatada e do lar.

Deve-se respeitar as escolhas individuais, mas a matéria não parece ter tal finalidade. Seu propósito parece ficar evidente na chamada da reportagem “quase primeira dama”. Na prática, foi um claro sinal da orientação da revista: ao elogiar o perfil de Marcela Temer, a revista a toma como modelo ideal, recusando outros modelos possíveis. E, ao empregar a palavra sorte para descrever a relação do casal, o texto deixa bem claro que a sorte não é de ambos, mas exclusivamente dela: “Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país”. Não é um trecho de um romance romântico, como os mencionados romances de Machado de 1870, mas matéria jornalística, ou panfleto, se desejarmos.

Esse episódio nacional, apesar de curto, é revelador das implicações do domínio da mentalidade patriarcal entre nós. Para combatê-la, inúmeras postagens e reportagens vieram à tona – boa parte criticando de modo veemente o tratamento dispensado à esposa de Michel Temer. Afinal, a reportagem representaria mais um retrocesso; dessa vez, um retorno à submissão feminina aos mandos e desmandos do machismo à brasileira. Portanto, a reação do público nacional foi, entre outras coisas, contra o perfil submisso da futura primeira dama, e o seu significado mais amplo: a delimitação do lugar social da mulher.

Após intensas manifestações pelas redes sociais e piadas de toda sorte, Marcela Temer sai de cena. Mas essa luta contra a herança de séculos de patriarcalismo não é de hoje. Em 1872 – há mais ou menos 145 anos –, Machado de Assis publica *Ressurreição*. Neste, ousava, pelo viés literário, representar e avaliar, ficcionalmente, o impacto da dominação masculina sobre suas personagens: Lúvia, Dona Matilde, Clara e Raquel.



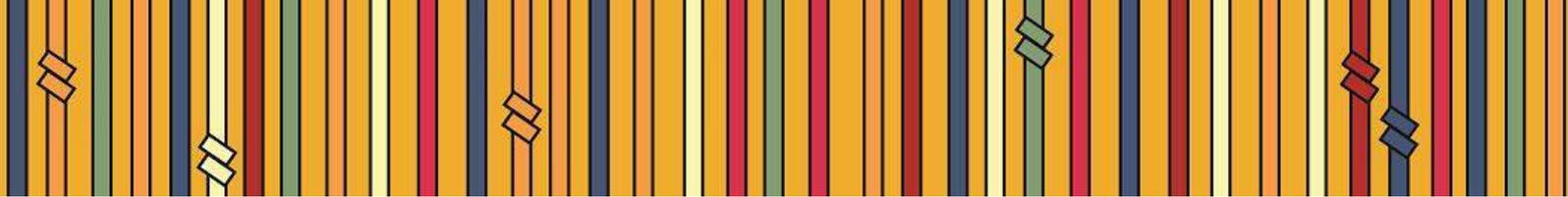
O romance se passa em torno de 1850, o que significa, no Brasil, o predomínio da família, religião e casamento como valores que compõem o pano de fundo e horizonte feminino, por um lado; por outro, já havia algumas mudanças consideráveis em curso, que, por sua vez, alimentaram a ascensão de uma nova personalidade, a personalidade romântica. Eis o drama do primeiro romance machadiano: a personalidade romântica vai de encontro à tradição, ou seja, não há saída senão o conflito, pois a moral dominante é a moral patriarcal. Lembremos, porém, do caráter esquizofrênico daquele momento, pois, com tal informação, entenderemos que esse conflito não será travado de modo claro, mas, sim, dissimulado.

E tal conflito é verossímil, ao contrário do que a fortuna crítica costuma afirmar sobre este romance – tão verossímil, pode-se dizer, que a “matéria” da *Veja* pode ser compreendida como um elogio descarado a tal modelo⁴. Portanto, *Ressurreição* ficcionalizou uma questão doméstica central para as personagens de caráter moderno: livrar-se do peso da tradição de bela, recatada e do lar como destino inexorável das personagens femininas.

Em 1850, “a cidade do Rio de Janeiro passa a funcionar como polo difusor de hábitos, costumes, linguagens de civilidade para todo o país” (FIGUEIREDO, 2013, p.54), portanto, o drama em *Ressurreição* se dá por causa das contradições do próprio processo de modernização da então jovem nação: os valores tradicionais da família, casamento e maternidade são postos à prova à medida que o desejo de autorrealização das personagens vem à tona. O processo de ocidentalização do país ameaça – de modo tímido, é verdade – o domínio masculino, então sem rival na cultura nacional.

Eis que a jovem Lívia, romântica incorrigível, casa-se com um personagem patriarcal. Ora, não poderia ser feliz, porque a relação conjugal para o patriarca não passa de uma oportunidade para procriação. Caso se conformasse com o papel de mãe, caberia a Lívia ser feliz como mulher capaz de dar frutos ao seu marido, e nada mais! Mas esse papel de mulher de sorte, porque o marido a ama e os filhos a respeitam, não mais interessa a Lívia, uma vez que a viuvez tem um lado positivo para a personagem: a morte do ex-marido é o princípio da possibilidade, pequena mas real, de autorrealização, pois é a morte de seu marido que a liberta do papel de sortuda. É a

⁴ Curiosamente, é Lúcia Miguel Pereira quem principia, salvo engano, a história daquela crítica a *Ressurreição*. Estaria ela surpresa com a tomada de posição da revista?



viuvez, portanto, que dá a Lívia a segunda chance de ter “uma vida independente de todas as escravidões sociais” (ASSIS, 1962, p.150).

Uma vez viúva, Lívia deixa a roça e vai morar no Rio de Janeiro, então o centro cultural do país. Portanto, a trama do romance gira em torno da possibilidade de Lívia cruzar o bojador oitocentista, isto é, ser mais do que mãe, bela, recatada e do lar. Essa luta, porém, é inglória, pois Lívia terminará seus dias no “claustro” doméstico (ASSIS, 1962, p.192). Seu pecado? O desejo de não ser apenas bela, recatada e do lar, conforme reza a cartilha do patriarcado brasileiro. Vale lembrar: Lívia é, para os padrões da época, moderna por influência do Romantismo, e, como tal, não se contenta com aquele papel, que, aliás, já exercera com o finado marido. A viuvez é, portanto, um segundo berço para ela. Em vão, é verdade, mas é a sua tentativa de romper com o tamanho da sociedade fluminense que nos dá a dimensão, e restrições tácitas, daquela mesma sociedade. Portanto, a reclusão da personagem, dedicando-se à maternidade, ao final do romance, é uma forma de se proteger, mantendo-se assim moralmente acima da frustração de ter sido praticamente abandonada na porta da igreja.

Voltando aos capítulos iniciais do romance, a volúpia da personagem pela vida livre da escravidão social vai esbarrar, a cada novo capítulo da trama, na moral oitocentista, que, paradoxalmente, concorda implicitamente com sua liberdade, então adquirida pela condição de viúva, mas não vê o novo matrimônio com bons olhos, por conta da tradição da viúva à memória do finado marido (SANTIAGO, 2000). Então, como ser livre, sem trair a memória (em duplo sentido: do marido e da tradição)? Como viver o presente, se deve ser fiel ao passado?

No meio do caminho da heroína, a tradição nacional, que está sintetizada, de modo metafórico, no quarto capítulo do livro:

A ingênua da peça, que desde o ato anterior se sabia estar apaixonada pelo galã, como é de jeito no teatro e no mundo, entrou precipitadamente em cena e lançou-se nos braços do amado. Algumas palmas do público premiam essa resolução *inesperada* e enérgica. Então começou entre a dama e o galã um diálogo de sentimento e paixão, um duelo de suspiros, *um protestar de fidelidade e constância*, que a plateia ouviu com demonstrações de entusiasmo. (ASSIS, 1962, p.130; grifos meus).



Como ser fiel à memória, em duplo sentido, e, ao mesmo, ao novo pretendente? Eis o problema representado e avaliado em *Ressurreição*: o primeiro romance de Machado apresenta ao leitor a luta da personagem Lívia contra a tradição patriarcal. Aqui a ficção e a personagem da história nacional são encenadas como tragédia pessoal, que o leitor, como juiz do romance, pode ou culpar ou inocentar a personagem, uma vez que a calúnia contra ela não tem base alguma, excetuando a convicção preconceituosa do herói, que a julga adúltera, ainda que sem provas, porquanto lhe basta o comportamento inadequado da personagem, que mal se comporta segundo os preceitos da moral e dos bons costumes.

Da tragédia à farsa (II)

A ficção de *Ressurreição* é a dramatização de uma página doméstica da história nacional. Mas a estratégica publicação da matéria sobre Marcela Temer em 18 de abril de 2016 parece sugerir, em alguma medida, uma espécie de volta ao passado, porém retorno no sentido de emergência de uma forma – a patriarcal – de se pensar o feminino, talvez compreensível em 1800; mas que, ao que tudo indica, não morrera, antes caminhava pelas sombras dos séculos à espreita de uma oportunidade. Daí a ideia de velha roupa colorida, isto é, a questão apresentada pelo romance continuaria na ordem do dia, mas de modo atualizado.

A despeito da atualização dos predicados femininos, a recepção nacional, Brasil afora, apontou o caráter farsesco da matéria, então publicada antes mesmo do afastamento oficial da então presidenta. Salvo engano, se a questão encenada em *Ressurreição* e apresentada ao seu leitor era digna de reflexão, pois chamava a atenção para as consequências do machismo, a matéria apresentada pela revista não busca levar água ao moinho de Lívia. Ao contrário, a matéria, 145 anos depois, ratifica que o destino de Lívia deveria ter sido aquele mesmo, de 1872: o claustro doméstico.

Assim, em vez de romper com o predomínio da mentalidade patriarcal, a revista o fortalece, bem como elege Dona Matilde, Clara e Raquel como exemplares de beleza e recato feminino. A julgar pela “matéria”, tais personagens seriam mulheres de sorte...

A tomada de posição da revista tem uma explicação: ao contrário da personagem principal (Lívia), Matilde, Clara e Raquel acomodaram-se ao lugar que a tradição



patriarcal lhes preserva: o de bela, recatada e do lar, sem qualquer reclamação. Eis um trecho do romance sobre dona Matilde:

A mulher do coronel era do tipo da mãe de família. Tinha quarenta anos, e ainda conservava na frente, embora secas, as rosas da mocidade. Era uma mistura de austeridade e meiguice, de extrema bondade e extrema rigidez. Gostava muito de conversar e rir, e tinha a particularidade de amar a discussão, exceto em dois pontos que para ela estavam acima das controvérsias humanas: a religião e o marido. A sua melhor esperança, afirmava, seria morrer nos braços de ambos. (ASSIS, 1962, p. 123)

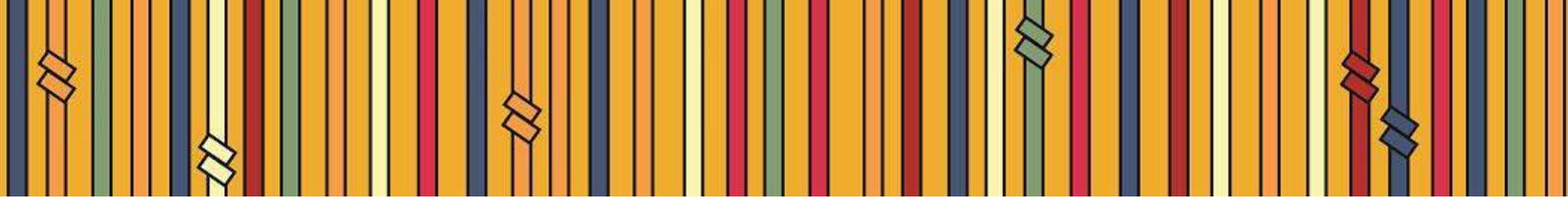
Em Ressurreição, cabe ao leitor perceber a ironia situacional, já que a experiência do matrimônio põe em xeque o faz de conta da paz doméstica, que as mulheres devem manter a troco da obediência, cega e calada, ao marido⁵. Nem Livia fora feliz com o finado, nem as belas, recatadas e do lar o são com seus respectivos maridos. Mas não há saída possível, restando-lhes suportar a paz doméstica. E o melhor exemplo dessa paz sem voz está no drama da personagem Clara, cujo nome de batismo ficcional já diz muito a respeito da personagem, que sabe que o marido a traí, mas, como o divórcio não é possível, cabe-lhe a resignação, que se torna virtude, devido à influência da religião cristã:

Mas a mulher dele [Luís Batista, marido de Clara]? A mulher dele, amigo leitor, era uma moça relativamente feliz. Estava mais que resignada, estava acostumada à indiferença do marido. Dera-lhe a Providência essa grande virtude de se afazer aos males da vida. Clara havia buscado a felicidade conjugal com a ânsia de um coração que tinha fome e sede de amor. Não logrou o que sonhara. Pedira um rei e deram-lhe um cepo. Aceitou o cepo e não pediu mais.

Todavia o cepo não o fora tanto antes do casamento. Paixão não a teve nunca pela noiva; teve, sim, um sentimento todo pessoal, mistura de sensualidade e fatuidade, espécie de entusiasmo passageiro, que os primeiros raios da lua de mel abrandaram até apagá-lo de todo. A natureza readquiriu os seus aspectos normais; a pobre Clarinha, que havia ideado um paraíso no casamento, viu desfazer-se em fumo a sua quimera, e aceitou passivamente a realidade que lhe deram, — sem esperanças, é certo, mas também sem remorsos.

Faltava-lhe, — e ainda bem que lhe faltava, — aquela curiosidade funesta com que o anfíbio clássico, desenganado do cepo, entrou a

⁵ Cega porque Clara sabe-se traída, porém a resignação é o remédio, que, no mundo cristão, torna-se virtude. Calada por causa da descrição de Matilde, que discute tudo, exceto o marido e a religião.



pedir um rei novo, e veio a ter uma serpente que o engoliu. A virtude salvou-a da queda e da vergonha. Lastimava-se, talvez, no refúgio do seu coração, mas não fez imprecações ao destino. E como nem tinha força de aborrecer, a paz doméstica nunca fora alterada; ambos podiam dizer-se criaturas felizes. (ASSIS, 1962, p. 145)

No romance, está posta, de modo dissimulado, a contradição da paz doméstica. Já na revista, a história não é nada irônica, a paz doméstica retornaria à medida que a personagem da vez voltasse ao lugar sagrado da mulher oitocentista. Independentemente da distância de dois séculos: o recato como forma e o lar como destino feminino são os atributos em destaque.

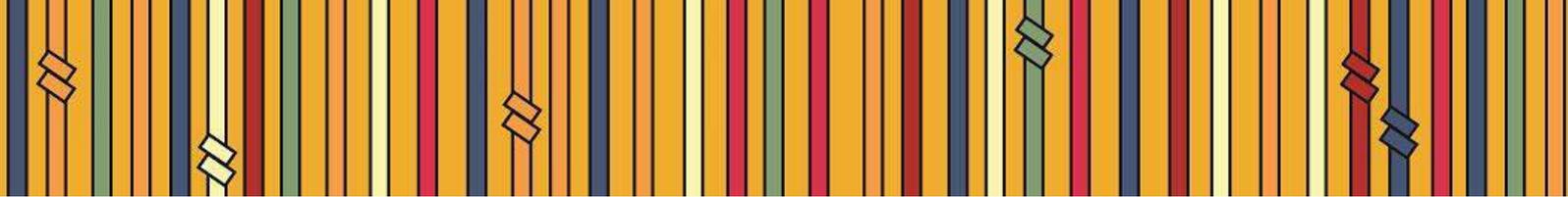
Por fim, retoma-se a metáfora da velha roupa colorida, que é o título de uma canção escrita por Belchior, porque ela poderia ser, mas numa chave de leitura irônica, o subtítulo daquela matéria; pois, apesar da roupagem contemporânea de bela, recatada e do lar, tal figurino data de séculos, fazendo ressurgir justamente aquilo que Machado de Assis criticava em *Ressurreição* (1872): o predomínio do machismo cordial contra a independência feminina. Não obstante seja colorida, o propósito deste texto, aliando-se a outros de toda sorte, é fazer coro ao autor daquela canção:

Você não sente, não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era novo, jovem
Hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer.

Pois, como se sabe, o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1962.
- BELCHIOR, Antonio Carlos. Velha roupa colorida. In: *Alucinação*. Universal Music, 1976.
- FIGUEIREDO, Carmen Lúcia Negreiros de. Dentro d'alma – Educação da sensibilidade e estetização da cultura no romance romântico brasileiro. *Interpretação do texto; leitura do contexto*. Sérgio Nazar David (org). Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p.51-66.



MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. *Manifesto comunista*. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MARX, Karl. *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis – estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: Círculo literário, 1946.

LINHARES, Juliana. Marcela Temer: bela, recatada e dor lar. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>. Acessado em 14 de setembro de 2016.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades: Ed. 34, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Ensaios de dependência cultural São Paulo: Perspectiva, 2000.